

## Introdução

A motivação desta tese partiu da prática clínica.

Sendo psicanalista, ao longo dos anos de exercício profissional, sinto-me confortável frente à pluralidade discursiva dos meus pacientes, desenvolvendo uma escuta privilegiada do relato de seus sofrimentos.

Ultimamente, as crescentes queixas relacionadas à temática do vazio, à falta de sentido e propósito associados ao recolhimento social, chamaram-me a atenção, trazendo a proposta de um campo de pesquisa atual.

Alguns aspectos que sempre considerei relevantes, como a relação com o outro e o campo do desejo, têm se mostrado insuficientes para entender o dilema do homem de hoje, o que se reflete diretamente na prática clínica.

A desvitalização, a preocupação com a imagem de si, e a descrença no futuro tornaram-se ruídos clínicos importantes que levam a repensar as bases da dinâmica transferencial que se estabelece.

A sensação de não estar à altura dos anseios pessoais e a capitulação frente às exigências sociais mostram-se promovedoras de uma visão de impotência frente à vida. Esta percepção trouxe a necessidade de buscar uma forma, dentro do escopo psicanalítico, de abordar essas configurações contemporâneas, visando encontrar uma restituição do estatuto de desejante para essas pessoas, bem como rever o campo objetual a que elas se encontram enredadas.

Embora vinte anos de prática clínica em saúde mental seja muito pouco para constatar mudanças claras nas formas de padecimento psíquico de uma época, posso identificar determinados sintomas que nos mostram o quanto o cenário fantasmático está mudando.

É importante ressaltar que em minha biografia, nestes cinqüenta e dois anos de vida, a presença de dados históricos em relação às transformações culturais ocorridas não deve ser descartada. Nascido no período que se seguiu à segunda grande guerra, cresci em meio a todos os movimentos sócio-político-culturais que aconteceram a partir dos anos '50. Revoluções culturais, lutas por

independência, redistribuição de fronteiras, o crescimento do orgulho étnico, o milagre brasileiro, a queda de regimes totalitários e o aparecimento de outros, o grande fórum que envolveu a discussão a respeito dos gêneros, o movimento feminista, o nascimento da internet, a globalização, o terrorismo, as mutações neoliberais que abordam o cidadão e a descrença das instituições reguladoras, tudo isso teve conseqüências na clínica psicanalítica e na forma dos sujeitos se colocarem no mundo.

Questionei a relevância da histeria descrita por Freud como modelo para dar conta deste momento histórico em que vivemos e direcionei meu interesse para o pensamento de que o estudo da melancolia poderia ser uma opção para me tornar mais apetrechado em minha escuta clínica, que portanto se tornaria mais operativa.

No âmbito da melancolia, percebi o quanto o afeto da vergonha é fundamental para ressaltar seu caráter etiológico e, ao mesmo tempo, congrega elementos que penso serem pertinentes para uma compreensão da clínica contemporânea. Comecei por estudar a melancolia, tomando como ponto de partida a correspondência entre Sigmund Freud e Wilhelm Fließ, por querer me ater à visão psicanalítica que serve de base para meu arcabouço teórico. A esse tópico dediquei o segundo capítulo desta tese.

Pude perceber o caráter híbrido da melancolia quando colocada no contexto das neuroses atuais e das neuroses de defesa, fragilmente circunscrita, fazendo com que Freud tivesse que buscar um lugar nosográfico que atendesse às particularidades deste quadro. A carta de Freud datada de 7 de janeiro de 1895, mais conhecida como “Rascunho G – Melancolia” mereceu grande atenção porque continha os embriões do que iria ser desenvolvido ao longo dos próximos 30 anos de obra escrita. Tanto a metáfora econômica do buraco hemorrágico como a abordagem inicial da perda objetal promotora do luto são enfocados neste momento.

O artigo que levou a melancolia a se insinuar como uma figura psicopatológica necessitando de uma reformulação nosográfica foi “Luto e Melancolia”, publicado em 1917, escrito no rastro dos artigos metapsicológicos de 1915. Este artigo se constitui um marco para o entendimento da melancolia, e disto tratará o terceiro capítulo.

O contexto da discussão de 1917 é a análise das semelhanças e diferenças que ocorrem no trabalho do luto na neurose e na melancolia. O primeiro ponto a ser destacado é o fato de que na neurose o trabalho do luto tem um fim, marcado por novos investimentos objetais, e o mesmo não se dá na melancolia, posto que neste caso o investimento objetal é substituído por uma identificação com o objeto perdido. Neste momento da teoria da melancolia, a perda e o retorno da libido aos objetos se encontram em questão. Por se tratar de um artigo escrito na esteira teórica do trabalho anterior, dedicado ao narcisismo, é efetuado um exame mais detalhado da natureza da identificação. Um aspecto que aparece neste artigo, e que servirá de âncora para que em outro capítulo possa ser desenvolvido, é a idéia do melancólico como desprovido de vergonha, afirmativa que será problematizada.

Para circunscrever a melancolia, abordarei no quarto capítulo o contexto posterior à instauração da segunda tópica na metapsicologia, já em vigência da segunda teoria pulsional.

O artigo “Neurose e Psicose”, de 1924, estabelece uma nosografia própria, e inédita até então, em que a melancolia é entendida como uma neurose narcísica, caracterizada por um conflito entre o Eu e o Supereu. Discuto as conseqüências metapsicológicas da postulação deste conflito entre estas instâncias como base topográfica e dinâmica para a melancolia, identificando-a como o exemplo do que seria uma neurose narcísica.

Dentro da visão do conflito intra-sistêmico proposto por Freud, a autocrítica severa do melancólico pode ser investigada em pormenores trazendo a ambivalência à cena da discussão. Tendo o conflito ambivalente se configurado como aquilo que deve ser evitado nesta patologia, a decorrência defensiva é uma regressão ao estágio oral do desenvolvimento da libido, o que me levou a desenvolver este tópico no capítulo seguinte.

As contribuições daquele que julgo ter sido o maior dos colaboradores de Freud no desenvolvimento da teoria sobre a melancolia, Karl Abraham, foi estabelecido como o tema do quinto capítulo.

As citações de Abraham em vários pontos da obra de Freud, notadamente em “Totem e Tabu” e nas “Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise”, revelam o apreço que existia entre os dois, tendo Freud escrito que Abraham foi o

autor que mais contribuiu para o entendimento das psicoses, em particular dos quadros acompanhados de sintomatologia depressiva.

Abraham, após uma leitura minuciosa de “Luto e Melancolia”, concorda com a abordagem da Freud, mas acha que a teoria da libido pede maior aprofundamento. Esta é sua contribuição que quero destacar aqui. Ao postular uma psicogênese da melancolia, Abraham aponta, entre outros fatores, uma grave injúria narcísica resultante da experiência de perda do objeto amado. Além de propor que a resolução é anal, expulsando o objeto como se fossem fezes, ele remete o melancólico ao problema insolúvel da ambivalência. O passo teórico seguinte é supor a introjeção do objeto pela via da oralidade, que tem por base a identificação narcísica. Desta forma, a regressão à oralidade é desenvolvida neste capítulo como uma solução para o problema colocado pela ambivalência. O canibalismo aparece como a expressão mais fiel do luto melancólico. Todo este raciocínio só foi possível com a complementação de Abraham à teoria freudiana da libido entrevista naquele momento da obra psicanalítica.

Tendo se estabelecido como uma estrutura permanente e necessária à saúde, o narcisismo tornou-se o centro de toda a teoria que diz respeito à melancolia. Por esse motivo, o sexto capítulo é dedicado às conseqüências do estabelecimento do conceito de narcisismo. Destaco os problemas que envolvem este conceito, tangenciados pela discussão dentro do movimento psicanalítico, principalmente na interlocução com Jung. Recolocar o narcisismo, revendo sua característica de fase intermediária entre o auto erotismo e o amor objetal, teve como conseqüência a necessidade de ser pensada uma nova gênese para o Eu, que se deu a partir do conceito de identificação, e resultou em uma revisão da teoria freudiana da libido.

O primeiro aspecto desenvolvido neste capítulo é a idéia do narcisismo como uma organização permanente. O pano de fundo desta discussão é a distinção entre Eu e objeto, o que implica na investigação dos momentos de fundação do Eu. Tomei como apoio a teoria de Winnicott para ressaltar, através da fusão inicial mãe-bebê, o progressivo jogo que culmina na separação entre Eu e não-Eu. Winnicott constrói a idéia de uma separação gradual entre os dois personagens primordiais, mãe e bebê, desde a necessidade de *holding* e de *handling*, nos primeiros momentos, até o rompimento com o estado de dependência absoluta estabelecido pela imaturidade biológica inicial do bebê e do desejo de

maternidade da mãe. Essa coisa de bebê e de mãe não existe desde o início, escreve Winnicott, como provocação para que possa ser esclarecida a importância destes momentos iniciais da vida. Assim, enfocarei a constituição do objeto segundo este autor que, a cavaleiro, remeterá à constituição do sujeito.

Ainda no capítulo seis, dado que Winnicott utiliza o rosto da mãe como peça fundamental para a formação do Eu, supostamente baseando-se na metáfora do espelho proposta por Lacan, a identificação especular é analisada para tentar esclarecer melhor os momentos fundantes do humano. Essa hipótese de Lacan serve de base para as considerações teóricas de Marie-Claude Lambotte, que abordarei no capítulo sete. Apresentarei o estágio do espelho de posse da visão de Lacan para destacar a experiência especular, necessária para melhor compreender as concepções de Marie-Claude Lambotte. Portanto, com o título “O sujeito melancólico”, também empregado pela autora em seu livro de 1997, o sétimo capítulo apresenta o pensamento de Lambotte, adotado nesta tese, em que a problemática melancólica é situada teoricamente em um momento especular, anterior à formação do Eu lacaniano. Esta autora francesa contemporânea constrói uma teoria híbrida das teoria winnicottiana e lacaniana, como será visto neste capítulo.

Assim, são abordadas algumas manifestações típicas do quadro melancólico, tais como o pelo vazio, a desvitalização e a inibição generalizada. Com a finalidade de explorar a falta de investimento materno como causadora da melancolia, as instâncias ideais são enfocadas como sustentação teórica, situando seu caráter etiológico na falha ocorrida no aspecto imaginário da formação do Eu. A consequência de um acidente de percurso na fase especular é a adoção de um discurso negativista, do qual o melancólico se utiliza para denunciar seu problema constitutivo. Neste discurso, pode ser desvelada a relação existente entre o desaparecimento do objeto primordial e as consequências decorrentes desta situação.

A idéia de uma imagem materna ideal, toda-poderosa, é a forma privilegiada aqui para ressaltar o dilema melancólico e traduzir sua etiologia, a partir das considerações de Lambotte.

Ao longo desta tese repito propositalmente, como um refrão, que a falta do olhar da mãe, daquele olhar que contém o júbilo do investimento materno frente ao bebê, tem como consequência o não reconhecimento deste, e que esse

reconhecimento só poderia acontecer caso fosse percebido o reflexo de sua imagem corporal, com a qual ele poderia se identificar. Na ausência dessa qualidade do olhar materno, a verdade melancólica emerge mais tarde em sua radicalidade: Qual é a impossibilidade de o Eu para se apossar de sua imagem?. Portanto, um logro egóico relacionado a uma ilusão identitária se constitui como decorrência direta da falta de um olhar investido, que possa circunscrever o sujeito em sua antecipação imaginária, que seria pré-condição da formação da subjetividade. Esta é a base teórica de que me apóio para uma proposta etiológica para a melancolia.

Se nada aconteceu no momento mítico especular que pudesse fixar uma imagem corporal, ocorre uma catástrofe narcísica.

A partir desta possibilidade introduzo o tema da vergonha como um afeto que produz, em seu desenvolvimento, uma dissolução temporária dos pilares identitários. Sabe-se que uma das únicas reações imagináveis frente a uma experiência vergonhosa é desaparecer da cena. Esta reação pode ser considerada virulenta e potente devido ao seu caráter narcísico. A vergonha tem a faculdade de revelar uma catástrofe narcísica, e por esse motivo, seu caráter relevante nesta tese.

Dentro do edifício metapsicológico de Freud, a vergonha é abordada tendo como referência a cena bíblica de Adão e Eva no Paraíso. Por conta desta vinculação direta com a experiência da nudez exposta, achei necessário fazer uma contextualização histórico-cultural da vergonha. A finalidade deste desvio é mostrar que vem acontecendo uma mudança na noção de vergonha na contemporaneidade que me permite afirmar que os motivos de envergonhamento são diferentes, principalmente se colocamos um intervalo de 100 anos entre a vergonha descrita por Freud e a que vivenciamos hoje.

A ligação da vergonha com o pudor, afirmada por Freud ao colocá-la no bojo de sua teoria das neuroses, aproxima a vergonha e a culpa e, portanto, me detenho neste ponto para que se faça uma distinção clara: existem pensamentos que mobilizam a culpa, e outros que mobilizam a vergonha. Ambos implicam a alteridade.

Com a finalidade de trazer outras abordagens da vergonha, recorro a alguns autores que estudam o tema. O resultado desta investigação me leva a questionar o valor da alteridade e os elementos que o homem atual privilegia em

sua inserção na cultura. Autores brasileiros, americanos e franceses vêm apontando o caráter narcísico desta vivência, deslocando-a do pudor e, portanto, não mais colocando seu epicentro na trama edipiana.

Minha abordagem não é excludente em relação à vergonha freudiana. Pelo contrário, quero com esta tese denunciar a sensação de vergonha ligada à figura da insuficiência. Insidiosamente, a alteridade, antes necessária por seu aspecto constituinte, vem se tornando irrelevante para as ações humanas. O projeto narcísico, simbolicamente representado pelo Ideal do Eu, parece não mais estar ligado a valores sociais partilháveis. Os dias de hoje mostram uma referência individual nas ações humanas, tornando a necessidade do outro um perigo. Uma forma de padecimento psíquico vem se revelando, e reconheço seus ruídos na minha prática clínica, ligada a esta sensação de o homem não se bastar – apesar da ilusão atual de que se baste - e de precisar do outro, trazendo uma sensação de impotência em sua experiência de vida.

O valor dado à imagem e a exigência performativa em níveis ótimos apresentam aquilo que é fundamentalmente humano – a necessidade do outro -, como algo que deve ser descartado e negado.

Assim, considerarei a vergonha motivada pela sensação de insuficiência como um critério que denuncia a existência de uma forma de subjetivação atual, em comparação com o modelo de subjetivação adotado no século passado.

O homem atual não quer ver revelada sua insuficiência de se bastar, da mesma forma que o melancólico não quer ver denunciada sua constituição falha e vacilante.

Desta forma, proponho nesta tese que a melancolia possa ser considerada como uma formação psíquica próxima dos ruídos clínicos de nossos dias, que ocorrem em consequência da nova ordem social.

Ao estudar a vergonha na atualidade, me deparo com valores antigos redimensionados e deslocados para outras configurações. Por isso, a tese a ser defendida, escrita nas páginas que se seguem, é que a melancolia pode ser adotada como uma maneira de melhor compreender a clínica contemporânea.